



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**A FIGURAÇÃO FEMININA NO ROMANCE O QUINZE DE RACHEL DE QUEIROZ:
UMA ANÁLISE SOBRE A PERSONAGEM CONCEIÇÃO**

EDINETE BRAGA TAVARES

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2022**

EDINETE BRAGA TAVARES

**A FIGURAÇÃO FEMININA NO ROMANCE O QUINZE DE RACHEL DE
QUEIROZ: UMA ANÁLISE SOBRE A PERSONAGEM CONCEIÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof. Ms. Keila Lairiny Câmara Xavier

**CATOLÉ DO ROCHA/PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

T231f Tavares, Edinete Braga.

A figuração feminina no romance O Quinze de Raquel de Queiroz: uma análise sobre a personagem Conceição. [manuscrito] / Edinete Braga Tavares. - 2022.

31 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2022.

"Orientação : Profa. Ma. Prof. Keila Lairiny Câmara Xavier , Coordenação do Curso de Letras - CCHA."

1. O Quinze. 2. Representação Feminina. 3. Movimento feminista. 4. Denúncia social. I. Título

21. ed. CDD 801.95

EDINETE BRAGA TAVARES

**A FIGURAÇÃO FEMININA NO ROMANCE O QUINZE DE RACHEL DE
QUEIROZ: UMA ANÁLISE SOBRE A PERSONAGEM CONCEIÇÃO**

Aprovado em 30/11/2022

Banca examinadora

Keila Lairiny Câmara Xavier.

Prof. Ms. Keila Lairiny Câmara Xavier – UEPB/Campus IV

Orientadora

Fábio Pereira Figueiredo.

Prof. Ms. Fábio Pereira Figueiredo UEPB/Campus IV

Examinador

Maria Karoliny Lima de Oliveira

Prof. Ms. Maria Karoliny Lima de Oliveira UEPB/Campus IV

Examinador

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por me dar força e coragem para realizar meu sonho, por tantas vezes que pensei em desistir e mesmo assim conseguir chegar ao final dessa jornada. À minha família que sempre me incentivou e aos meus amigos que acreditaram que iria conseguir realizar o meu propósito.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus por ocasionar esse momento até aqui, e por estar finalizando o meu curso, pois sem Ele não teria conseguido chegar ao término do meu trabalho mediante as muitas batalhas vencidas graças à força e a fé que tenho no altíssimo.

A minha mãe Maria Diomar de Brito Aines (*in memorian*), por ter me incentivado a estudar. Também, ao meu esposo Jany Clayton Braga, por me apoiar sempre, tanto nos momentos de dificuldade quanto nos de alegria, aos meus filhos Linaldo Gabriel e Júlio César pelo apoio que sempre demonstraram.

Existiram momentos de cansaço, desânimo e estresse, mas não consegui nada na vida sem lutar, sem batalhas para poder vencer. Não poderia deixar de lembrar-me das amizades conquistadas durante o caminho, das brincadeiras, risadas e dos parceiros, principalmente Marta Jales e sua família, assim como também aos amigos Italo, Gleidiane e Petrônio Martins. Gratidão ao meu primo Hemerson Linhares e sua esposa Priscila Holanda por sempre me apoiarem e me incentivarem a continuar este sonho.

Obrigado as minhas primas da cidade de Brejo do Cruz-PB, Maria, Suedna e Suerda que me ampararam na sua residência quando precisei e a Preceptora do Programa de Residência Pedagógica, Sandra Soares, com quem aprendi muito sobre o trabalho em sala de aula, com carinho e atenção.

Gratidão a minha orientadora Prof. Ms. Keila Lairiny Câmara Xavier, por me ajudar neste trabalho com paciência e sabedoria, foi de muita valia as orientações e correções e, assim, hoje percebo o quanto valeu a pena toda compreensão que teve comigo. Como também, agradecer aos demais professores e membros da banca que contribuíram para a realização deste sonho. Enfim, agradeço a todos aqueles que me ajudaram direta e indiretamente para tamanha conquista, só me resta o meu muito obrigada.

RESUMO

O presente estudo bibliográfico tem como propósito Analisar a representação da mulher, construída na literatura, especificamente, na obra O Quinze, de Rachel de Queiroz, através da personagem Conceição. Além disso, debater sobre a representação feminina e de movimentos feministas no Brasil, em meados de 1930 e, de tal forma, seus desdobramentos sociais. Por último, discute-se sobre o gênero romance e sobre a formação do elemento personagem na narrativa, tomando como base a obra aqui mencionada e, essencialmente, a personagem Conceição. Foram usadas, predominantemente, como referencial teórico as proposições de Rago (2004), Koss (2000), Bueno (2015) e Souza (2005). Em sua maior parte, o estudo teve por finalidade a pesquisa de natureza básica e se classifica como descritiva e explicativa do ponto de vista dos objetivos e da análise, uma vez que se debruçou diante de teóricos e de produções bibliográficas existentes e que discutiam a temática. A abordagem do estudo é, fundamentalmente, qualitativa pela tonalidade crítica e reflexiva utilizada. O método escolhido foi o hipotético-dedutivo e que enfatizou a importância da desconstrução de estereótipos de submissão e de subserviência da mulher com relação ao homem. O objetivo geral da pesquisa voltou-se para refletir sobre a figuração feminina a partir da narrativa e como resultados deste estudo, podemos apontar que a mulher tem conquistado espaços e formas de representação em que uma nova roupagem começou a ser propagada, tendo a mulher passado a representar paisagens de dominação e autonomia. De modo conclusivo, esperamos que este trabalho contribua para com as discussões acadêmicas e científicas e que possa trazer reflexões acerca do tema tratado.

Palavras-chave: O Quinze. Representação Feminina. Movimento feminista. Denúncia social.

ABSTRACT

This bibliographical study aims to analyze the representation of women, built in literature, specifically, in the work *O Quinze*, by Rachel de Queiroz, through the character Conceição. In addition, to discuss the representation of women and feminist movements in Brazil in the mid-1930s and, in such a way, its social consequences. Finally, it discusses the novel genre and the formation of the character element in the narrative, based on the work mentioned here and, essentially, the character Conceição. The propositions of Rago (2004), Koss (2000), Bueno (2015) and Souza (2005) were predominantly used as a theoretical framework. For the most part, the study aimed at research of a basic nature and is classified as descriptive and explanatory from the point of view of objectives and analysis, since it focused on theoreticians and existing bibliographical productions that discussed the theme. The study's approach is fundamentally qualitative due to the critical and reflective tone used. The chosen method was the hypothetical-deductive one, which emphasized the importance of deconstructing stereotypes of submission and subservience of women towards men. The general objective of the research turned to reflect on the female figuration from the narrative and as a result of this study, we can point out that the woman has conquered spaces and forms of representation in which a new outfit began to be propagated, with the woman going through to represent landscapes of domination and autonomy. Conclusively, we hope that this work contributes to academic and scientific discussions and that it can bring reflections on the subject addressed.

Keywords: The Fifteen. Female Representation. Feminist movement. Social reporting.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
2 A FIGURA FEMININA NA DÉCADA DE 30	12
2.1 A representação feminina no Brasil nos anos de 1930	13
2.2 Bibliografia de Rachel de Queiroz	17
2.3 Romance e Personagem: representação literária	21
3 ANÁLISE DA OBRA O QUINZE	25
3.1 Análise da personagem Conceição	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	30

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho tem como objetivo discutir a representação da mulher na literatura, especificamente, na obra *O Quinze, de Rachel de Queiroz*, através da personagem Conceição, uma mulher independente que foge dos padrões pré-existentes de submissão e de antagonismo feminino. Nesse contexto, para debater sobre o papel da mulher, que durante muito tempo, esteve presa à figura da família ou do homem, alimentando o estereótipo de sexo frágil, traçaremos um breve percurso histórico e social da representação feminina dos anos de 1930 aos dias atuais. Assim, destacamos que a obra *O Quinze* causou grandes impactos pelo seu conteúdo, ganhando elogios e, também, críticas por abordar pontos como: a seca no Nordeste, ambientada pela representação da família de Chico Bento¹, enquanto, flagelados da seca e emergidos na fome e na miséria. E, junto a isso, pela apresentação do quase romance amoroso vivido por Conceição e seu primo Vicente, ela marcada por seus ideais feministas e totalmente desligada dos padrões de mulher subserviente da época, e ele caracterizado pela imagem de homem forte, do mato, mas generoso, estando sempre disposto a ajudar os moradores afetados pela estiagem.

Assim, Conceição vive uma relação amorosa não concretizada com seu primo e isso faz com que narrativa acabe não ganhando um tom de romance, mas sim de denúncia social, tirando essa relação do centro da obra e enfatizando o flagelo da seca e suas consequências, como a miserabilidade, a fome, a corrupção e a supervalorização da mulher potencializada pela personagem, Conceição, que aqui buscaremos analisar. Mediante a essas circunstâncias, apresentamos a problemática da luta feminina pelo ideal de igualdade e enfrentamento pelo preconceito de gênero, de maculação do corpo feminino – em muitas situações promovida pela igreja e seus dogmas - e da batalha por espaços nas diversas camadas sociais. Para tanto, a obra e seu contexto de produção, assim como a paisagem de inquietude, provocada pela estreia da autora na literatura brasileira, são elementos fundamentais para a análise apresentada neste trabalho.

De acordo com esse contexto, é pertinente ressaltarmos que em um trabalho de pesquisa o pesquisador começa a construir sua discussão inserida, sobretudo, em uma problemática de ordem geral, que está postulada dentro de sua área de estudo, a qual deve ser respondida no decorrer do desenvolvimento do trabalho. Nesse sentido, a seguinte questão geral norteia o

¹ Chico Bento é um dos personagens principais da obra *O quinze* de Rachel de Queiroz. Ele representa o nordestino que busca melhores condições de vida em outras regiões do país.

nosso trabalho: *De que maneira a representação da mulher é construída na literatura, especificamente, na obra O Quinze, de Rachel de Queiroz, através da personagem Conceição?* De acordo com esse questionamento geral, elegemos alguns outros específicos que nos ajudaram na construção da nossa pesquisa, são eles: *Qual a trajetória da mulher no âmbito social do Brasil nos anos 1930, momento de publicação da obra O Quinze de Raquel de Queiroz? De quais formas acontece a resistência feminina contrapondo a subordinação tendo como base a personagem Conceição do livro o Quinze? Quais os conflitos psicológicos da personagem Conceição na Obra O Quinze de Rachel de Queiroz?*

Para realizarmos a investigação e respondermos à nossa questão de partida e às outras questões, elegemos como objetivo geral: *“Analisar a representação da mulher, construída na literatura, especificamente, na obra O Quinze, de Rachel de Queiroz, através da personagem Conceição”*. Por sua vez, os objetivos específicos são: *Compreender a trajetória da mulher no âmbito social do Brasil nos anos de 1930, momento de publicação da obra O Quinze de Rachel de Queiroz; Entender a resistência feminina contrapondo à subordinação tendo como base a personagem do livro O Quinze; identificar os conflitos psicológicos da personagem Conceição.*

Dessa forma, esta pesquisa enquadra-se como bibliográfica, já que o nosso material de análise é o livro *“O Quinze”*. A metodologia escolhida foi o hipotético-dedutivo com base em Popper (1975) que afirma “[...] que a ciência parte de problemas; que esses problemas aparecem nas tentativas que fazemos para compreender o mundo da nossa experiência [...]”, ou seja, pode-se entender que a pesquisa é introduzida a partir de um problema. Além disso, o presente estudo é de natureza descritiva e explicativa, do ponto de vista dos objetivos e da análise, uma vez que se debruça diante de teóricos e de produções bibliográficas existentes que discutiam a temática. Partindo desta perspectiva, é abordada a pesquisa qualitativa, a qual analisa questões sociais.

Para tanto, entender o progresso das mulheres a partir da época em que se passa a narrativa, já que sai de um cenário de protagonismo masculino para outro de subjetivação e valorização da figura feminina. se justifica, primeiramente, pela necessidade de se discutir o papel da mulher na literatura brasileira, tendo em vista a importância da obra e especificamente da personagem Conceição para a sociedade. A partir do contato com a obra, foi perceptível a necessidade de pesquisar e analisar a personagem Conceição, como uma figura feminina de suma importância para a época em que estava inserida. Partindo desse viés, é imprescindível o estudo do movimento feminista, pois se pode adquirir conhecimentos com base em teóricos da área, que consistem nas explorações deste aspecto social de grande relevância.

Nosso trabalho encontra-se fundamentado nas perspectivas teóricas de Rago (2004), escritora feminista e libertária, Koss (2000), profissional especialista em psicanálise, Bueno

(2015), professor de literatura brasileira, e Souza (2005) especialista em Língua Portuguesa, que traz muitas questões interligadas, ao mercado de trabalho, a família, igreja e demais relações sociais responsáveis pela questão que debatemos aqui nesse trabalho. Por tanto, ensejamos que tais discussões acerca desta temática possam contribuir para posteriores argumentações acadêmicas ou científicas e gerar reflexões sobre a problemática apresentada.

No primeiro capítulo, denominado "*considerações iniciais*", apresentamos de maneira sucinta os objetivos do trabalho e a temática que será abordada. Neste, é salientado as questões de representatividade feminina e os obstáculos enfrentados pelas mulheres em busca da conquista dos direitos igualitários, como também, as bases teóricas que irão ser utilizadas no decorrer do trabalho.

No segundo tópico, intitulado "*A figura feminina na década de 30*", é discutido o processo de independência da mulher a partir da década de 30, tendo como base a obra "*O Quinze de Rachel de Queiroz*" e o ponto de vista dos teóricos estudados. Além disso, a biobibliografia de Rachel de Queiroz e sua relação com a personagem Conceição. Logo em seguida, é abordado a conceitualização do gênero Romance e personagem.

No terceiro capítulo chamado "*Análise da obra O Quinze*", analisamos a personagem Conceição como uma figura à frente do seu tempo. A personagem luta pela sua independência e quebra as expectativas dos costumes de sua época, principalmente em relação ao casamento, a autonomia na escolha do trabalho, sua decisão em não gerar filhos e a adoção de uma criança para criar como "mãe solteira".

O quarto e último capítulo é constituído por "*Considerações finais*", onde refletimos sobre os resultados da pesquisa e como ela pode contribuir para futuros estudos e discussões. Em relação ao próximo capítulo, já apresentado, iremos discutir a progressividade da figura feminina.

2 A FIGURA FEMININA NA DÉCADA DE 30

Tendo em vista o processo de independência da mulher no decorrer dos anos, faz-se necessário refletir sobre a representatividade feminina na década de 30, época da publicação da obra *O Quinze* de Rachel de Queiroz, conceitualizar o gênero literário romance de acordo com a visão teórica, como também explorar os personagens da narrativa, onde a autora salienta o comportamento de Conceição, uma mulher de caráter forte, generosa e ao mesmo tempo

discreta com sua vida pessoal, mas que nunca desistiu de seus objetivos mesmo convivendo em uma sociedade tradicional.

2.1 A representação feminina no Brasil nos anos de 1930

Os anos de 1930 foram marcados por grandes mudanças na sociedade, inclusive, no que tange à representação feminina, já que a mulher era vista de maneira primitiva como objeto de reprodução, sendo ensinada a cuidar dos afazeres da casa, zelar pelo casamento e obedecer ao seu marido, em um sistema machista que expressa os moldes do patriarcalismo. No entanto, a partir do século XX, a representação social feminina modificou-se por meio das lutas e movimentos feministas, que reivindicaram a igualdade entre homens e mulheres no âmbito social, político e jurídico. O movimento feminista no Brasil foi influenciado pelos movimentos feministas europeus, que buscaram a conquista do voto e a aceitação social no âmbito do trabalho nas indústrias. Com isso, o papel da mulher passou a ganhar novas figurações, sendo ela provocada a sair de casa, assumir novos papéis sociais e conquistar espaços de representação.

Nessa perspectiva de compreender sobre a transformação da representação da mulher em diferentes contextos de emancipação, sobretudo, no cenário de conquistas, é importante destacar que o movimento feminista é constituído por três fases importantes: *1: a participação eleitoral, 2: difuso (pela diversidade de manifestações) e 3: anarquista*. Especificadamente sobre a primeira fase Pinto (2003) ressalta que:

[...] a primeira fase do feminismo teve como foco a luta das mulheres pelos direitos políticos, mediante a participação eleitoral, como candidatas e eleitoras. Esta luta esteve definitivamente associada ao nome de Bertha Lutz, que exerceu uma inegável liderança durante a década de 1920 e manteve ligada às causas da mulher até sua morte em avançada idade, na década de 1970. (PINTO, 2003, p. 13).

Nesse contexto, o direito ao voto no Brasil, até então, era negligenciado as mulheres, para conquistar tal direito foi necessário grandes movimentos feministas Sufragistas², os quais tiveram como importante militante, Bertha Lutz³ - importante ativista e líder de movimentos

² Sufragista consistiu em uma luta de reivindicação pela participação ativa das mulheres na política, concedendo a elas o direito de votarem e de serem votadas.

Fonte: Politize

³ Bertha Lutz é conhecida como a maior líder na luta pelos direitos políticos das mulheres brasileiras. Zoóloga de profissão, Bertha Maria Júlia Lutz é conhecida como a maior líder na luta pelos direitos políticos das mulheres brasileiras. Ela se empenhou pela aprovação da legislação que outorgou o direito às mulheres de votar e de serem votadas. Nascida em São Paulo, no dia 2 de agosto de 1894, filha da enfermeira inglesa Amy Fowler e do cientista e pioneiro da Medicina Tropical Adolfo Lutz, Bertha foi educada na Europa, formou-se em Biologia pela Sorbonne e tomou contato com a campanha Sufragista Inglesa.

feministas, que lutava pelos direitos das mulheres brasileiras. Assim, no Brasil há pouco mais de 80 anos a mulher teve o direito ao voto, adotado em nosso país em 1932, através do decreto de nº 21.076, instituído pelo código eleitoral brasileiro, ato esse que equalizou o acesso à participação política da mulher nos diversos campos da política.

De acordo com esse cenário é importante destacar que em 1891 foi elaborado um projeto de Constituição Federal que dava direito de voto à mulher, tal projeto foi indeferido inicialmente e, com isso, a ideia da mulher atuar na esfera pública levou algumas décadas até ter sido conquistada de fato. Dessa forma, inseridas em um círculo vicioso, não tinham instrução e não podiam participar da vida pública de maneira que não acessaram ativamente cargos e tomadas de decisão político-administrativas e, assim, pereceram na ignorância. Segundo Pinto (2003, p.15) “A segunda vertente é que se poderia chamar de feminismo difuso, o qual se expressa nas múltiplas manifestações da imprensa feminista alternativa.” Nesta perspectiva, a segunda fase do movimento feminista é composta por um grupo de mulheres que exercem competências públicas e são preparadas para argumentar e defender os direitos femininos.

No Brasil, nas primeiras décadas do século XX, a mulher passou a conquistar novos espaços na sociedade com o surgimento da indústria, em que grande parte do proletariado era formada por mulheres e crianças que ganhavam, porém, baixos salários, recebiam maus tratos de patrões, e, sobretudo, vivenciavam situações de contínuo assédio sexual. Assim sendo, a longa história de lutas das mulheres enfrentou as mais diversas batalhas de desafios pelos quais buscou desmistificar o paradigma de que ela se desenvolveria na sombra do marido ou nas entrelinhas da história masculina. Pinto (2003, p.15) enfatiza que “A terceira vertente se manifesta no movimento anarquista e, posteriormente, no Partido Comunista.” Nesta fase, destacam-se mulheres fortes, trabalhadoras e inteligentes, que defendiam a questão da exploração do trabalho das mulheres.

Tratando mais sobre essa questão de relações entre o dominador e o dominado dentro das fábricas e indústrias, em um contexto de relações de poder, Rago (2004) aponta considerações sobre a vivência de mulheres operárias com os afamados senhores e capatazes: A que se submete às exigências arbitrárias, não já do burguês [...] mas as dos capatazes, ao serviço dos mesmos senhores, é desacreditada e maltratada por esses homens sem consciência, até o extremo de ter de optar entre a degradação e a morte. (RAGO, 2004, p. 579).

Seguindo o pensamento da autora supracitada, podemos perceber que as mulheres eram submissas às exigências não só dos patrões, mas também dos seus encarregados, vivendo os

absurdos extremos dentro das fábricas, a exemplo dos maus tratos, da carga horária de trabalho superelevada e, essencialmente, do assédio sexual sofrido por mulheres, atitude discriminatória e desumana que fazia distinção de gênero, causando na figura da mulher um sentimento de impotência e inferioridade diante de uma sociedade extremamente insensível e violenta.

Em decorrência das greves e movimentos feministas que foram realizados contra a exploração do trabalho nos interiores das fábricas na década de 30, as mulheres em sua maioria eram taxadas de “mocinhas infelizes e frágeis”, numa tentativa de enfraquecer ou desmerecer os movimentos sociais de reivindicação. Assim, elas aparentemente estavam desprotegidas aos olhos da sociedade machista, em detrimento disso, elas podiam ser presas pela ambição dos homens sem ao menos ter a possibilidade de lutar.

Dessa maneira, movimentos feministas têm como alusão a luta pela autonomia da mulher brasileira no espaço político e na luta pela (re) significação de papéis e funções. Assim, diante de tais avanços, a família considerada tradicional ganhou uma nova roupagem, não somente em relação às classes sociais, sobretudo, no quesito de gênero. Com essa redefinição, a família brasileira deixou de ter funções produtivas e particularizou-se o mundo feminino, ou seja, as mulheres passaram a ser vistas como seres socialmente reconhecidos. De tal modo, porém, a insistência que valoriza o estigma de dominação do homem parece ser algo natural para sociedade, já que a mulher figura vários cenários de desigualdade, discriminação e estratificação social.

Diante disso, o mercado de trabalho, não dava suporte necessário para as mulheres e aquelas que se arriscassem a ocupar um cargo e, assim, elas estariam cientes de que jamais teriam os mesmos direitos trabalhistas assegurados que um sujeito do sexo masculino, ainda que elas exercessem a mesma função que seus colegas de trabalho do sexo contrário, seus salários seriam inferiores pelo simples fato de ser mulher. Como bem afirma Koss (2000):

Considerava-se que a capacidade intelectual das mulheres era estritamente limitada. Tendo o acesso ao saber institucionalizado interdito, com base na sua incapacidade intelectual, a exclusão das mulheres da vida social teve como consequência um despreparo para o exercício pleno cidadania, despreparo que posteriormente, foi utilizado para justificar sua subordinação ao homem como algo natural. (KOSS, 2000, p. 161).

Como bem frisa a autora Koss (2000), a sociedade de modo geral, em particular os homens, desacreditava da capacidade intelectual das mulheres em que o grupo masculino não aceitava de bom grado quaisquer profissões sendo ocupadas por mulheres. Vale ressaltar, também, que as mulheres não eram respeitadas em seus cargos, por serem enxergadas como uma pessoa do sexo frágil, além disso, pelo seu estado psicológico variável, que pela concepção

do homem machista, acreditava que os hormônios femininos variavam, tornando-a incapaz de exercer seu trabalho diário.

Para isso, as meninas, desde cedo, eram ensinadas/orientadas por suas mães a se prepararem para um possível casamento no futuro e, por isso, tinham que aprender a cozinhar, a costurar, a bordar, a portar-se à mesa e principalmente, deveria aprender as regras de etiqueta para satisfazer a condição secundária de subserviência à figura do homem. Então, elas necessitavam de entender e saber controlar seus impulsos, evitando fazer certas alusões e questionamentos que porventura poderiam macular a imagem da mulher ideal e submissa.

Dentre as mais variadas situações do cotidiano feminino que perpassavam relações familiares, sociais e de trabalho, a mulher que andasse sozinha ou desacompanhada não era bem vista pela sociedade, da década de 30, já que uma “moça de família” sair sozinha pelas ruas denotaria um escândalo social. Por isso, ela deveria estar sempre acompanhada de suas mães ou alguma pessoa de confiança da família. A mãe de uma menina devia sempre zelar e cuidar da filha dando os conselhos mais sábios de como se comportar diante da sociedade e de como manter um casamento sólido e feliz.

Quando as filhas estavam consideradas prontas para um possível compromisso, o pai, a figura central da família que tomava as decisões mais importantes da casa, pois, aceitava que a filha fosse cortejada por algum pretendente de boa reputação, quando encontrado esse pretendente, o pai pesquisava a respeito do rapaz, e avaliava quesitos como procedência de boa família, a função empregatícia e/ou social que ele ocupava e bom caráter. Conforme detalha Araújo (2004, p.45):

Esse era o estereótipo, o bom modelo, o comportamento que se esperava no despertar da sexualidade feminina. Claro que as coisas nem sempre se passavam assim, e o esforço feito para que tudo corresse conforme o previsto indica de saída, *contrario sensu*, que a explosão do desejo da mocinha virgem à senhora casada era não raro difícil, muito difícil mesmo, de controlar. Das leis do Estado e Igreja, com frequência dura, a vigilância inquieta dos pais, irmãos, tios, tutores, e a coerção informo objetivo: Abafa a sexualidade feminina que ao rebentar as amarras, ameaçava o equilíbrio doméstico, a segurança do grupo social e própria ordem das instituições civis e eclesiásticas. (ARAÚJO, 2004, p. 45).

Em conformidade com o que se discute, tanto a sociedade quanto a própria igreja reprovavam qualquer ato carnal antes do casamento, desta forma, os pais tinham por obrigação vigiar as filhas antes que acontecessem atos sexuais “inapropriados” anteriores ao casamento, se porventura ocorresse intimidade sexual entre o casal, o ato era considerado uma vergonha para a sociedade, pois manchava a reputação da noiva e jogava o seu nome na lama e de toda a família. A igreja era uma das principais estimuladoras dessa repressão que as mulheres sofriam, pois espalhava a idealização do homem como sendo superior às mulheres e que elas tinham por

obrigação se submeter às vontades do marido. Sobre isso, o livro de Efésios, passagem da Bíblia Sagrada do Novo Testamento, traz que:

As mulheres sejam submissas aos seus próprios maridos, como ao senhor, porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, sendo este mesmo salvador do corpo. Como, porém a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas a seus maridos. (EFÉSIOS, 5: 22-24).

De tal forma, a igreja acabava potencializando um cenário de subjugação para a sociedade, numa relação de submissão e de total dependência ao homem e, indo além, a mulher se firmava socialmente como um elemento de total subserviência do homem, um objeto de comando que deveria obedecer sob o julgo de ser considerada pecadora e negligente, caso fugisse de tais leis canônicas. Estabelecendo uma relação de comparação com outra passagem da Bíblia, a história de “Eva e Adão”, dessa mesma maneira a igreja tentava evitar que algo de desvirtuoso pudesse acontecer entre os casais, sobremaneira, enfatizando que as mulheres estariam mais passíveis de cometer os mesmos erros que Eva teria cometido.

Desta forma, as mulheres deveriam se vestir adequadamente para chamar a atenção dos olhares da sociedade como figura pura e honesta, já que o corpo era considerado como algo proibido e evitado de ser exibido. Ademais, relações de amizades entre sexo oposto, gostos musicais, esportivos e de qualquer esfera cultural deveriam obedecer ao ideal de sexo frágil ou ainda de feminidade, de maneira que o que viesse a ser oposto a isso seria considerado inaceitável.

Portanto, é notável que durante séculos as mulheres foram subjugadas para atender as vontades da sociedade e, sobretudo, em meados de 1930, privando-se dos seus próprios desejos, de oportunidades de serem livres para escolher o melhor caminho a ser seguido. É substancial dizer que essa atitude tem perpassado os dias atuais e vem se cultuando tal pensamento machista de que o homem tudo pode, uma vez que por meio dessa ideologia equivocada da sociedade primitiva e complacente com essas atrocidades, alimenta-se a visão patriarcal do homem sobre a mulher, embora um longo e pujante percurso tenha sido traçado. No próximo tópico dedicaremos discussões sobre a bibliografia da autora Rachel de Queiroz.

2.2 Bibliografia de Rachel de Queiroz

Rachel de Queiroz, escritora cearense, nasceu no ano de 1910 e faleceu em 2003, no Rio de Janeiro. Era filha do Juiz Daniel Queiroz Lima e Clotilde Franklin de Queiroz. A autora residiu alguns anos da sua infância na capital Fortaleza e passou algumas outras temporadas na fazenda Junco, em Quixadá, interior do Ceará. Tornou-se referência na literatura Brasileira em

um momento em que esse espaço era ocupado por um alto poderio masculino, Raquel impactou o campo da literatura com a obra *O Quinze*.

A escritora logo cedo demonstrou apreço pela literatura e sempre teve um rico acervo literário disponível para seus estudos, é o que se comprova através de um texto de sua autoria intitulado *Tantos anos e publicado no ano* de 1988:

Mamãe tinha uma biblioteca muito boa e tanto ela quanto papai me orientavam nas leituras. Quando eu era adolescente eles liam para eu ouvir, faziam mesmo sessões de leitura; e quando chegavam os pedaços mais escabrosos, de Eça, por exemplo, discretamente pulavam e disfarçavam. Não queriam me privar da leitura, mas naquele tempo uma moça não podia ler cena de sexo. Não se usava, era um escândalo dos diabos. Isso eles conseguiram manter até eu começar a escrever. (QUEIROZ, 1998, p.30).

Assim, Queiroz desde cedo teve ideias a frente do seu tempo, não ligava para o conservadorismo da época e usava seu amor pela literatura para denunciar as desigualdades do país, assim como foi feito em *O Quinze* de maneira tão pungente e provocadora. Além disso, sua obra impactou ainda mais o público com a apresentação de Conceição: mulher firme, desvinculada de qualquer estereótipo de submissão e/ou subserviência à figura masculina. Rachel de Queiroz era, pois, uma menina prodígio que chegava, inclusive, a ser confundida com algum pseudônimo criado por um escritor desencorajado de se expor e, por isso, não haveria de jogar seu nome dos cenários de produção daquela época.

De tal modo, levou certo tempo para que a autora se afirmasse diante de autores já conhecidos no campo literário, tais como José Américo de Almeida, Graciliano Ramos, João Guimarães Rosa, Mário de Andrade, dentre inúmeros escritores de sua fase literária. Ela foi ainda a primeira mulher a ocupar um cargo na Academia Brasileira de Letras (ABL), fato esse de grande relevância para a concretização de sua carreira enquanto escritora brasileira.

Fugindo da seca que assolava Fortaleza no ano de 1917, Queiroz e sua família mudaram-se para o Rio de Janeiro, onde passaram três anos, depois retornaram a sua cidade de origem em 1921, ano em que a escritora ingressou no Colégio Imaculada Conceição, e que em 1925, tornou-se professora aos seus quinze anos de idade. Esse fator acaba por criar na mente do leitor e da crítica literária uma correlação mimética entre Rachel de Queiroz e sua personagem Conceição, tanto pela profissão de professora exercida nos campos real e fictício, como pela figura de mulher independente e emancipada.

No ano de 1927, Rachel de Queiroz escreveu uma carta com o intuito de ingressar no jornal *O Ceará* criando um pseudônimo “Rita de Queluz”. A carta fez bastante sucesso levando a sua contratação como colaboradora da página literária e possibilitando ainda seu crescimento no meio literário, pois ela começou a publicar folhetins, nos quais o primeiro foi intitulado

“História de um nome”. Na mesma época, foi chamada para ser substituta na área de História no Colégio Imaculada Conceição.

Em 1930, com o intuito de mostrar a realidade regional, aos dezenove anos, publicou o seu primeiro romance *O Quinze*, com o qual se destacou na literatura brasileira por apresentar diversos aspectos da luta árdua de um povo contra a seca, fome e desamparo. Sua obra teve uma aprovação gigantesca, iniciando-se no Rio de Janeiro, sendo considerado o melhor romance, conquistando o prêmio *Graça Aranha de Literatura* em 1931. Neste mesmo período, retornou à Fortaleza e colaborou com a fundação do Partido Comunista Brasileiro no Nordeste.

No ano seguinte, Queiroz retornou ao Rio de Janeiro e casou-se com o poeta José Auto da Cruz Oliveira e publicou o romance *João Miguel*, reforçando questões como o coronelismo, questões sociais e a seca. Depois que se filiou ao Partido Comunista, foi acusada de favorecer concepções esquerdistas e conseqüentemente foi presa. A partir dessas agitações causadas pela política, lançou o livro *O caminho das Pedras* em 1937, exaltando o papel da mulher na política brasileira. Depois que saiu da detenção, separou-se e casou-se novamente em 1940 com seu primo e médico Oyama Macedo.

Em 1961 foi convidada pelo então presidente da República Jânio Quadros para ser Ministra da Educação, mas recusou, pois Queiroz (1997) dizia “Sou apenas jornalista e gostaria de continuar sendo apenas jornalista”. Na literatura infanto-juvenil, Rachel de Queiroz teve seu início em 1969 com *O menino mágico* e, seis anos depois, publicou *Dora, Doralina*. Mais tarde, publicou o romance *Memorial de Maria Moura*, no qual ao decorrer do tempo foi adaptado para uma minissérie exibida na rede Globo de televisão.

Queiroz, assim como mencionado anteriormente, foi a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras (ABL) em 1977 e, sobre isso, a autora declarou que:

[...] nunca tinha tido a ideia de entrar para a Academia Brasileira de Letras. Inicialmente havia proibição à entrada de mulheres. Mas nem isso me preocupava, porque jamais tive espírito associativo, nunca participei de clubes literários e congêneres, talvez por preguiça ou indisciplina; na verdade, porque sempre tive a convicção íntima de que, na vida artística ou literária, a única coisa que importa é o que você escreve, o que você pinta e o que você cria. (QUEIROZ, 1998, p. 209)

A autora concedeu uma entrevista ao Caderno de Literatura Brasileira em que sua singularidade e excelência literária são destaques. Sendo uma figura feminina, nordestina e ter fortes características de sinceridade quanto à realidade brasileira, foi motivo de antipatia entre leitores e críticos literários. Na época em que Queiroz foi introduzida no meio literário, a sociedade era totalmente regada pelo machismo patriarcal, chegando ao ponto do escritor Guimarães Rosa (1946), levantar a hipótese de que sua obra seria um pseudônimo de mulher, já que até então eram apenas escritores homens que faziam parte do âmbito literário.

Suas últimas obras publicadas foram *Cenas Brasileiras* em 1995, na qual apresentava uma coleção de crônicas; *Nosso Ceará* de 1998; *Tantos Anos* de 1998, no qual Rachel de Queiroz e sua irmã Maria Luiza de Queiroz lembraram fases e momentos de suas vidas. *Memórias de menina*, publicada em 2003, retratou a infância da autora; e *Pedra Encantada* de 2011, obra que reuniu contos selecionados por Maria Luiza de Queiroz.

Com seu estilo próprio, Rachel de Queiroz, na maioria das vezes, foi incompreendida pelo seu jeito tímido e doce de ser, já que se colocava contra a sociedade de seu tempo e isso implica dizer que, expressando-se sempre numa linguagem enxuta e viva, o Nordeste precisamente sobre o Ceará, provocava espanto a alguns leitores rasos. Com isso, ela denunciava as injustiças sociais, o flagelo da seca, a fome, a miséria e o coronelismo por meio de suas obras.

O livro *O Quinze* proporcionou irrefutável transformação na literatura nacional, sobretudo, no período modernista, o qual também foi chamado de romance de 30. Tecendo sua crítica à obra, Bueno (2015), no ensaio *Uma História do Romance de 30*, concebe que:

O Quinze ainda é um livro-chave para a percepção desse fenômeno. Ao mesmo tempo em que teve papel fundamental na criação do novo romance proletário, ao desenhar um caboclo muito mais complexo do que aquele que se via no romance naturalista ou mesmo em *A Bagaceira*, forjou, através da criação de Conceição, um novo tipo de personagem feminina. Além disso, o sucesso como romance sério escrito por uma mulher – e nova, como frisou Graciliano Ramos – acabou fazendo de *O Quinze* verdadeiro marco inicial da literatura feminina “séria” entre nós. (BUENO, 2015, p. 283)

Expressivamente, o autor classifica o romance como sendo um marco da nova literatura brasileira, sobremaneira, da literatura feminina por meio da personagem Conceição. De tal modo, a narrativa é descrita, agora, como uma literatura séria, compromissada e verossímil diante dos anseios da mulher à época. Outro fator de exponencial relevo foi o fato de o texto ter sido escrito por uma escritora, uma jovem escritora que foi capaz de causar cenários de estranhamento.

Outro traço também importante da escritora é destacado quando ela apresenta um estilo intimista e expõe, em suas obras, várias reflexões e análises psicológicas de uma personagem feminina que vive conflitos na adolescência. Isso porque Rachel pertencia ao movimento modernista de 1930, e esse grupo ficou conhecido como Regionalista, pois manifestavam os problemas sociais e políticos.

Portanto, suas obras e sua inquietude quanto às desigualdades do país e as regras impostas pela sociedade em relação à figura feminina, provocaram um grande avanço na literatura brasileira, tendo em vista que a mulher figurava papéis secundários na literatura nacional, fosse de esposa do lar, de mulata submissa ou até mesmo de prostituta configurada

como desvirtuosa. Percebemos, então, a personagem feminina, a partir de O Quinze, alicerçada numa outra subjetivação, agora de lutas e de conquistas a fim de valorizar a mulher e desvinculá-la da sujeição masculina.

2.3 Romance e Personagem: representação literária

As discussões realizadas neste trabalho fundamentam-se nas teorias que tratam das concepções de romance e personagem. Assim, levando em consideração que o objetivo desse trabalho é “*Analisar a representação da mulher, construída na literatura, especificamente, na obra O Quinze, de Rachel de Queiroz, através da personagem Conceição*” iremos discorrer sobre a personagem Conceição da referida obra, que se caracteriza como sendo uma mulher à frente de seu tempo, independente, visionária, autônoma e, acima de tudo, contrária ao papel de submissão até então vigorado por pessoas do mesmo sexo que o seu.

Na busca pela concepção do conceito de romance, enquanto, gênero literário, diversos estudiosos se debruçaram sobre esse gênero em contraposição a outros gêneros literários que, de maneira similar, aproxima-se do conceito de arte vivificado por Aristóteles ao apresentar a ideia de mímese⁴ em sua obra. Assim, cria-se nessa postulação forte ligação entre o real e a arte, de tal modo podemos nos arriscar em dizer que tal relação exista de forma verossímil entre o romance e a vivência humana.

Nesta mesma perspectiva de compreensão sobre o gênero romance e possíveis construções de conceitos acerca de sua composição, Santos (2017) discutindo sobre romance, escreve que:

É uma narrativa que procura transportar para a ficção a experiência humana. Apresenta-se com narrativas longas, divide-se em capítulos, os personagens são variados e vivem situações fictícias, num espaço e tempo diferenciados. O estilo de linguagem é mais livre, no sentido de não necessitar de obediência aos padrões cultos da língua, e a narrativa é em prosa. (SANTOS, 2017, p. 38).

Corroborando com a ideia da autora, o gênero romance apresenta-se como um breve resumo do mundo fictício aliado a experiência humana na formação de um todo na base do texto literário. Já em relação a sua estrutura, o romance apresenta vários personagens com conflitos diferentes, oposto do que acontece com o gênero conto. A estrutura que é construída em formato de prosa também possui um clímax e um desfecho em que na grande maioria das vezes são solucionados ou não, pois, os personagens moram no enredo. Os diálogos dos

⁴ *Mimesis*, “imitação” (*imitatio*, em latim), designa a ação ou faculdade de imitar; cópia, reprodução ou representação da natureza, o que constitui, na filosofia aristotélica, o fundamento de toda a arte.

personagens criam certa tensão, desperta emoções fazendo com que os personagens ganhem vida, havendo assim, um contato vivo entre leitor/personagem.

Nesse viés, o romance proporciona uma relação entre autor-texto-leitor, pois compreendemos que o leitor estabelece uma relação do texto com o mundo, nesse aspecto a obra apresentada poderá corresponder ou não com o mundo do leitor, fazendo com que ele se aproxime ou não da leitura. Nesse processo de leitura o leitor não é um ser que recebe ideais prontas e acabadas, mas sim um sujeito ativo diante do que lê e relaciona com seu mundo. Ele transforma-se em um ser participativo, pois sua criatividade vai tecer os fios condutores do gênero romance.

Dialogando ainda sobre a formação do romance, diversos outros críticos em literatura fazem inferências e Lukács (2000) enfatiza:

Somente no romance, cuja matéria constitui a necessidade da busca e a incapacidade de encontrar a essência, o tempo está implicado na forma: o tempo é a resistência da organicidade presa meramente à vida contra o sentido presente, a vontade de vida em permanecer na própria imanência perfeitamente fechada (LUKÁCS, 2000, p.129).

Para Lukács (2000), o romance é a forma de desejo, reflexão e busca, mas ao mesmo tempo, a forma é também coibição, configuração de "experiências temporais" que "estimula atos e nesses atos tem suas raízes". Mas, um sujeito contemporâneo complexado que está condenado ao fracasso, colocando em dúvida todos os sentidos e valores da arte e da cultura. Ao final do trajeto possibilitado pelo romance ele reencontra apenas a si mesmo, sua finitude, suas dúvidas e seus anseios. Mas é por esse motivo que o romance é considerado, positivamente, demonstração de uma cultura aberta.

Por se tratar de um romance, seus personagens e enredo são fundamentais em sua criação, pois como bem discorre Cândido (2005, p.53-54) “[...] o enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuitos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que os animam”. De tal forma, é preciso que se perceba o romance como um todo em que suas partes estão fortemente ligadas na composição literária e, assim, exista uma compreensão mais atenta e real do gênero.

Dessa maneira, o enredo e os personagens estão, de forma inerente, interligados e unidos nos romances, de maneira que “as personagens vivem no enredo”, e o pensamento as torna vivas. Pois bem, a personagem precisa estar da forma mais real possível no romance para que o leitor possa acreditar na sua verdade, em uma composição que ganha vida ao transcender as barreiras do historicismo e do fator social, unindo-os também aos valores estéticos do texto nessa composição do todo.

No entanto, como pode um personagem existir (ser) ao mesmo tempo não existir (fictício), como bem argumenta e explica Cândido (2005):

A personagem é um ser fictício - expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode ser? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre esse paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lidima verdade existencial. [...] O romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste. (CÂNDIDO, 2005, p.55).

Nesse sentido, a literatura repousa sobre esse paradigma entre a verdade e a ficção num jogo de construção de sentidos e de possibilidades entre o que se pode acreditar e o que não se consegue acreditar: ou seja, o Verossímil, o imaginário, o novo. Nesse paradoxo do ser vivo e do ser fictício que o personagem se encontra é que dá sustentação ao romance, de maneira que o leitor ao ser provocado quer entender e querendo entender acaba descobrindo. Nessa altura, pois, a ficção não tem compromisso com a verdade, nela, realidade e invenção caminham juntas e, por isso, é considerado um modo de representar algo, de fazer a relação entre arte, imitação e realidade.

Dessa forma, romance e personagem são representações literárias que vêm sendo abordadas ao longo deste trabalho, pois, é possível identificar no romance os vários tipos de personagens, entre eles: protagonistas, antagonistas e coadjuvantes. O Protagonista é aquele sujeito principal da estória, como afirma Brait (2002, p.89) é “aquele que ganha o primeiro plano na narrativa”. Assim complementa Cardoso é “aquele em torno de quem os fatos se desenrolam, o que centraliza a ação; os outros personagens estarão de uma ou de outra forma em função dele, pensam nele e agem para e por causa dele” (CARDOSO, 2001, p.42). E de tal maneira, podemos destacar que Conceição é considerada uma personagem protagonista na obra O quinze, já que sobre ela se desenrolam inúmeros acontecimentos da narrativa.

Assim, acontecimentos como a recepção da família de Chico Bento no campo de concentração - lugar onde eram refugiados os fugitivos da seca de 1915 ao chegarem à capital Fortaleza - o drama amoroso vivido com o personagem Vicente e que embora figure um possível romance amoroso dentro da obra, a personagem se destaque por não romantizar a relação assim como em outras histórias, todos esses fatos são capazes de caracterizar Conceição como sendo uma protagonista da narrativa. E além de tudo, uma protagonista feminina, contrária aos padrões sociais de subjugação masculina ainda no início do século XX, período marcado por latentes desigualdades de gênero.

Por conseguinte, o Antagonista, para Brait (2002, p.87) “muitas vezes é uma só personagem. Outras, pode ser manifestado por um grupo de personagens, individualizadas ou

representantes de um certo grupo”. Portanto, o antagonista se opõe ao protagonista, ou seja, por suas ações que atrapalham ou por suas características adversas aos protagonistas, seja individual ou em grupo. Além disso, é vultoso dizer que antagonista e protagonista diferem um do outro pelo destaque que ganham na base da obra, sendo esse primeiro de menor destaque em relação ao segundo.

Por fim, os Adjuvantes (personagens secundárias ou coadjuvantes) que são aqueles (as) personagens menos importantes na obra, podendo auxiliar as figuras dramáticas mais relevantes da estória, como frisa Gancho (2004, p.16) “personagens menos importantes na história, isto é, que tem uma participação menor ou menos frequente no enredo”. Ainda assim, são personagens que exercem influência na composição da obra que é o romance e que se destaca, geralmente, pela riqueza de detalhes.

Com relação ao mundo dos personagens, a personagem “Conceição” de *O Quinze* de Rachel de Queiroz, ela adentra a esse universo se colocando como uma mulher atípica a sua época, independente e livre para a década de 1930, que para a sociedade era considerada um equívoco uma mulher que não quisesse se casar ou ter filhos, sendo que a personagem Conceição trabalhava fora e conquistou um espaço do lar, da casa, mas também conquistou um espaço externo. Além disso, trocou a vida matrimonial e doméstica pela sala de aula, pelo trabalho social de assistência aos mais necessitados e assumiu a maternidade do filho mais novo do personagem Chico Bento, sem a necessidade do processo natural de gestação. Rachel de Queiroz era bastante ligada às questões sociais e buscava mostrar a realidade da região em que vivia através de suas obras. De acordo com Costa (2018):

[...] podemos afirmar que a obra “*O Quinze*” de Rachel de Queiróz, foi publicada em 1930, na segunda fase do Modernismo no Brasil, ou Romance de 30, esse período literário ocorreu de 1930 a 1945 e é caracterizado pela valorização do regionalismo, no qual as obras tinham um caráter social. Outra característica importante é que as obras realizadas tinham como principal objetivo denunciar a realidade do país. (COSTA, 2018, p. 08)

Diante da afirmativa, podemos perceber a preocupação de Queiroz em publicar sobre aspectos sociais relevantes da região a qual vivia. Segundo Costa (2018): “Outro fator importante, é que havia certa proximidade entre o *Romance de 30* e o *Realismo*, pois as duas correntes literárias tinham como característica a verossimilhança, ou seja, a necessidade de retratar a realidade.” Por tanto, é perceptível o quanto a realidade foi influenciável para a produção da obra e para a caracterização dos personagens.

3 ANÁLISE DA OBRA O QUINZE

Neste tópico, iremos analisar a personagem Conceição da Obra *O Quinze* de Rachel de Queiroz, sobre seus dilemas internos e sociais. De modo como uma mulher consegue sair de um ambiente tradicionalista para se impor, como uma pessoa forte e lutadora pelos seus ideais, ultrapassando seus limites impostos desde à sua avó, da sociedade conservadora em que era inserida, aos costumes sociais, tornando-se uma mulher independente e determinada que conseguiu conquistar o seu lugar diante a sociedade e sentindo-se realizada com suas decisões.

3.1 Análise da personagem Conceição

A obra “*O Quinze*”, publicada no ano de 1930, pela cearense Rachel de Queiroz carrega em si, vários aspectos de provocação para o público leitor, isso porque, além de se fazer uma denúncia social sobre as condições subumanas em que peregrinavam os flagelados da seca, ambientado pelo contexto da grande estiagem do ano de 1915, deixou críticos da literatura estagnados diante do contexto de produção em que uma autora estrearia sua carreira de forma tão perspicaz, inquietante e tão próxima de uma realidade, porém com um tom jamais visto.

É nesse contexto que a autora também nos apresenta a personagem Conceição: uma jovem mulher, professora e, acima de tudo, uma figura à frente de seu tempo, com ideais e atitudes consideradas um tanto quanto inovadoras demais àquela época. Conceição, na obra, havia se formado para o magistério e passava férias na fazenda de sua avó, a personagem dona Maroca, a qual percebia algumas estranhezas em sua neta, dentre as quais “Conceição tinha vinte e dois anos e não falava em casar. As suas poucas tentativas de namoro tinham-se ido embora com os dezoito anos e o tempo de normalista; dizia alegremente que nascera solteirona” (QUEIROZ, 2014, p. 13-14).

Para tanto, uma das primeiras características marcantes da personagem é a ausência da vontade de casar-se e de construir seu lar, não que fosse avessa à ideia, mas o fato é que o matrimônio não era uma prioridade, assim como era para a maioria das moças daquele tempo. Em um dos diálogos de Conceição com sua avó e mediado pelo narrador, fica clara a objeção de sua avó por esse comportamento que, de tal forma:

Ouvindo isso, a avó encolhia os ombros e sentenciava que mulher que não casa é um aleijão... Esta menina tem umas ideias! Estaria com razão a avó? Porque, de fato, Conceição talvez tivesse umas ideias; escrevia um livro sobre pedagogia, rabiscara dois sonetos, e às vezes lhe acontecia citar o Nordau ou Renan da biblioteca do avô. Chegara até a se arriscar em leituras socialistas, e justamente dessas leituras é que lhe saíam as piores das tais ideias, estranhas e absurdas à avó. (QUEIROZ, 2014, p. 14).

Diante disso, surgem outras questões imbricadas em um pensamento machista de que a mulher nasceu para o lar e para o casamento, uma vez que toda e qualquer pessoa do sexo feminino que fugisse desse estereótipo seria considerada, como a própria fala da personagem Maroca comprova, um “aleijo”, ou seja, algo fora do padrão, desajustado e inaceitável. Além desses aspectos discutidos, aparecem na narrativa outros elementos causadores de estranhamento com relação à personagem Conceição – e apresentado no mesmo trecho – que é o fato dela estar em constante ligação com leituras, inclusive, com textos socialistas, considerados como conspirações antigovernistas e, por isso, tão criticados.

Ainda nessa discussão de impacto causado pela obra, Bueno (2015), no ensaio *A figuração do outro: a mulher*, texto do livro *Uma história do romance de 30*, tece alguns comentários em torno da produção queirozeana e, na oportunidade relembra o surgimento da autora enfatizando a estranheza pelo fato da narrativa vir de uma mulher:

Se essa visão do papel social da mulher pode ser generalizada – e de fato pode – não é difícil pensar o tamanho do espanto que Rachel de Queiroz causou quando apareceu com *O Quinze*. Sua aceitação, como já se discutiu aqui, passou pela sublimação do fato de ela ser uma autora mulher e vários intelectuais, em geral muito razoáveis, suspeitaram de que se tratava de homem com pseudônimo feminino. A figura de Conceição, que não quer ser namorada e não será prostituta certamente, também causou algum espanto e acabou sendo subvalorizada. (BUENO, 2015, p. 286).

Outro fator de destaque do crítico literário é a forma como a personagem Conceição é desenhada e, essencialmente, apresentada ao leitor na obra. Isso porque, até então, a mulher era representada na maior parte dos textos literários com a figura de submissão ao homem, à família e aos estilos tradicionais de comportamento feminino. Ainda assim, o que se encontra, segundo o autor, em um texto e noutro, era a mulher encenando papéis de prostitutas ao calor do vento. Aqui, a mulher haveria passado por um processo de supervalorização e recriado possibilitar outras nuances do feminino na literatura brasileira.

Seguindo esta mesma linha de pensamento, o autor frisa ainda essa nova figuração da mulher na literatura, agora com uma representação de independência, empoderamento e de acentuação de que a mulher deveria ser aquilo tudo que quisesse ser: mãe, esposa, trabalhadora, ativista ou qualquer outra possibilidade possível de ser pensada. Para isso, o escritor reforça:

Nos anos seguintes à publicação de *O Quinze*, há figurações da mulher que indicam uma vontade de retirá-la da vala comum do estereótipo. Aqui e ali aparecem figuras femininas que, se ainda não podem, como Conceição, deixar de ser esposa ou prostituta, podem ao menos escapar do destino certo de prostituta a que a perda da virgindade condena. (BUENO, 2015, p. 287).

Um importante fator que ganha destaque com a discussão de Bueno (2015) é a maculação que o corpo feminino sofre mediante as relações de domínio masculino, tendo a compreensão de que o corpo da mulher deve ser resguardado e protegido sob o julgo de esta ser considerada pura ou impura aos olhos da sociedade. “No sertão, a preocupação com o casamento das filhas moças foi uma constante. É verdade que muitas mulheres não se casaram, entre outras razões por dificuldades de encontrar parceiros à altura” [...] (FALCI, 2004, p.256).

Numa roupagem de (re) significações, Souza (2005) desconstrói o ideário de submissão da mulher perante o homem, discutindo que, agora, ela tem buscado evoluir de diversas formas e em diversas camadas da sociedade. Para isso, o autor aponta que:

[...] no decorrer das diferentes épocas históricas e literárias que a mulher segue a linha do tempo, mas não de maneira uniforme. Ela vai evoluindo social, intelectual e moralmente em relação ao homem. De submissa e deusa a mulher passa a ser vista como um ser capaz de sofrer, mas também de liderar seja a sua casa ou uma empresa; capaz, enfim, de dar a volta por cima. (SOUZA, 2005, p. 09).

Assim, a figuração de mulher enquanto sexo frágil e dependente do homem vai sendo substituída por uma imagem de ser humano: capaz de lutar, de sentir e de viver os desafios impostos por uma sociedade competitiva, capitalista e opressora. Desse modo, é perceptível tom de sofrimento em Conceição mediante situações vexatórias de humilhação social dos flagelados da seca. Além do mais, seu “quase sentimento” pelo primo Vicente aparece, mesmo que de forma tímida, para mostrar que a mulher pode superar relações amorosas não concretizáveis.

Essa relação de entraves entre conceição e Vicente é esboçada em um trecho da obra em que a personagem ilustra um possível envolvimento de seu primo com outra personagem, chamada Mariinha, e por isso a relação entre eles acaba não sendo vindoura:

O que eu fiz com Conceição? Diga! O que eu fiz foi um esforço enorme para ir à cidade, só para a ver, chego lá, acho dona Conceição toda dura, sem querer saber de ninguém... e ainda por cima, fui eu?! [...] Ah! Foi assim? Como você não tinha dito nada, nem ela... pois com mais veras, pode agora pensar na Mariinha... (QUEIROZ, 2014, p. 143).

Mesmo nutrindo um sentimento amoroso pelo jovem agricultor, a personagem se percebe impossibilitada de viver um relacionamento, já que existiam barreiras entre os dois que dificultavam esse enlace. Talvez fosse o fato de ele preferir o campo a cidade, talvez a timidez ou o medo pela subserviência que provocaria um casamento para Conceição. E, além disso, as responsabilidades de mulher independente faziam com que Conceição estivesse mais preocupada com seu trabalho de professora e, até mesmo, com o voluntariado no campo de concentração, ajudando os retirantes da seca.

A caridade era também uma característica marcante da personagem, isso é o que se percebe em um dos capítulos da obra enfatizando suas boas ações humanas e sociais:

Conceição passava agora quase o dia inteiro no Campo de Concentração, ajudando a tratar, vendo morrer às centenas as criancinhas lazentas e trôpegas que as retirantes atiravam no chão, entre montes de trapos, como um lixo humano que aos poucos se integrava de todo no imundo ambiente onde jazia. (QUEIROZ, 204, p. 134).

De modo conclusivo, Conceição se via como alguém capaz de ajudar aqueles fugitivos da fome, da miséria e já doentes de tanto padecer, sendo por meio de remédios, de alimentação e de ajuda emocional e psicológica. Em uma de suas idas ao abrigo, a personagem encontra a família de Chico Bento, agora em tamanho menor devido à perda de dois dos seus filhos, e os ajuda a conseguir passagens para São Paulo em busca de uma vida mais digna. Nisso, a jovem decide pedir o caçula de Chico Bento e Cordulina, o Manoel, para criá-lo como filho e o salvar da miserabilidade. Logo, esse é outro elemento de uma nova figuração da personagem feminina que decide assumir a maternidade, ainda que sem o casamento e sem o processo de gestação.

Percebemos que ao criar essa personagem, Queiroz evidencia as suas características em um trecho da obra onde mostra como Conceição se preocupava com os seus compadres Chico Bento e Cordulina, ao tentar conseguir passagens para que eles pudessem viver dignamente. Queiroz (2004): “Pois então está dito: São Paulo! Vou tratar de obter as passagens. Quero ver se daqui a alguns anos voltam ricos...” Diante dessa perspectiva, nota-se a preocupação de Conceição em ajudar ao próximo, pensando em uma melhor qualidade de vida para eles.

Portanto, pode-se concluir que a personagem Conceição é muito importante e de certa forma contribui para que possamos entender a evolução das lutas e das conquistas de alguns direitos reivindicados pelas mulheres brasileiras, e com isso chama atenção dos leitores e futuros pesquisadores, possibilitando-os a se aprofundarem neste âmbito social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante toda a discussão aqui esboçada, é essencial reafirmar que a representação da figura da mulher sofreu, durante muito tempo, estigmas de desvalorização e repressão em que essa era vista como inferior ao homem, sendo que esse seria detentor de questões como o trabalho, o comando da família e em diversas outras situações de relações de poder. Dessa forma, alguns movimentos feministas surgiram no intuito de desconstruir estereótipos como esse e de mostrar a importância de uma retextualização do papel da mulher na sociedade.

Assim, a mulher passou a ser vista, após muitas lutas, como alguém capaz de combater por seus próprios ideais, um ser com direito a voz, a liberdade e que mesmo diante disso, deveria ter o direito de sentir e viver coisas da vida de maneira igual ao do homem. Nesse mesmo caminho, direitos e deveres devem ser encarados como elementos de equidade, a exemplo disso, o direito ao voto e à participação na vida pública, direito esse conseguido de maneira tardia e por meio de movimentos sociais.

Enviesada pela ânsia de igualdade e de atuação no mercado de trabalho, a mulher era, na maioria das vezes, estigmatizada e julgada pela sociedade da época, por substituir as tarefas do lar e seus afazeres domésticos, deixando de seguir os moldes impostos pela sociedade tradicional e tomando atitudes ousadas, acabavam por serem taxadas de alucinadas e inovadora demais para o seu tempo. A visão que se tinha naquele contexto [e ainda se vivencia em menor escala nos dias de hoje] era que exclusivamente o homem/marido deveria manter as despesas da casa, assim, a mulher se tornava dependente do seu esposo, uma vez que ele era o chefe do lar. Desse modo, esse modelo estrutural de organização familiar durou por muitas décadas, um modelo de mulher ideal e obediente às imposições do seu cônjuge.

Portanto, apontamos como resultados desta pesquisa que a literatura brasileira influenciou para uma nova figuração da mulher, sobretudo através da obra da escritora Rachel de Queiroz. Desse modo, uma nova roupagem começou a ser propagada em que a mulher passou a representar espaços e formas de dominação, de autonomia e de desconstrução do pensamento de submissão, dependência e sujeição ao homem. Por fim, esperamos que a presente pesquisa contribua para a reflexão e para o alargamento da consciência crítica, assim como para as discussões acadêmicas e científicas.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: King Cross. Publicações, 1991.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 7. Ed. São Paulo: Ática, 2002.

BUENO, Luís. **Uma História do Romance de 30**. 1ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Campinas, 2015.

CANDIDO, Antônio. **A Personagem de ficção**. 11 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CARDOSO, João Batista. **Teoria e Prática de Leitura, apreensão e produção de texto**. Brasília: Imprensa Oficial, 2001.

COSTA, Alice Silva da. **Análise crítica da Obra O Quinze de Rachel de Queiroz**, p.8-19, ago, 2018.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2006.

KOSS, Monika Von. Papéis sociais na raiz da identidade sexual. **Feminino+ Masculino: uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades**. São Paulo: Escrituras Editora, 2000.

LUKÁKCS, Georg. **A Teoria do Romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas de grande épica**. Ed 34. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

PINTO, Célia Regina Jardim. **Uma História do feminismo no Brasil**. São Paulo, editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

POPPER, Karl S. **A lógica da pesquisa Científica**. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1975a.

PRIORE, Mary Del. BASSANEZI, Carla. **Histórias das Mulheres no Brasil**. 7 ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

PRIORE, Mary Del. **Histórias das Mulheres no Brasil: in: Araújo, Emanuel. A Arte da Sedução: Sexualidade Feminina na colônia**. 7º ed. São Paulo, Contexto, 2004.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. – 97ª ed. - Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

QUEIROZ, Rachel de; Queiroz, Maria de Luiza de. **Tantos Anos**. São Paulo: Siciliano, 1998.

RAGO, Margareth. **Histórias das Mulheres no Brasil: in: Trabalho Feminino e Sexualidade**. 7º ed. São Paulo, Contexto, 2004.

SANTOS, Fabiana Cláudia. **A Importância do Gênero Romance para a formação de Leitores na Escola**. 2017. Disponível em: <
<https://www.posgraduacao.unimontes.br/uploads/sites/14/2018/11/Disserta%C3%A7%C3%A3o-A-IMPORT%C3%A2NCIA-DO-G%C3%8ANERO-ROMANCE-NA->

FORMA% C3%87% C3%83O-DE-LEITORES-NA-ESCOLA-CI% C3% A1udia-Fabiana-Santos.pdf> Acesso em: 03/09/2021.

SOUZA, Aida Kuri. **A personagem Feminina na Literatura Brasileira**. Criciúma, 2055. Monografia disponível em: <http://docplayer.com.br/18923168-Aida-kuri-souza-a-personagem-feminina-na-literatura-brasileira.html>. Acesso em 20 de agosto de 2021.